

DOCÊNCIA UNIVARSITÁRIA: A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO-PACIENTE NA PRÁTICA DE CIRURGIÕES-DENTISTAS

Roberto BERNARDINO JÚNIOR *

Silvana MALUSÁ **

Guilherme Saramago de OLIVEIRA §

Igor Aparecido Dallaqua PEDRINI ‡

Resumo: O presente artigo aborda questões referentes à docência universitária do cirurgião dentista. Tem como objetivos conhecer, estudar e refletir sobre como vem ocorrendo a inter-relação professor-aluno-paciente existente nos cursos de Odontologia. Enfatiza na necessidade de que, a forma como um docente reage a uma situação em sala de aula, deveria estar baseada em sua percepção frente às necessidades de seus alunos, pensando numa maneira mais eficaz para poder se interagir. Mais especificamente, versa sobre o ser *bom professor, inter-relacionamentos e o humanismo na Odontologia*. O caminho metodológico da pesquisa seguiu-se, inicialmente, pela elaboração de um *site*, onde foram postados o Termo de

* Professor Doutor do Instituto de Ciências Biomédica da Universidade Federal de Uberlândia – ICBIM/UFU. bernardino@icbim.ufu.br

** Professora Doutora PPGED/ PPGCE/Faced /Vice-Diretora e Coordenadora, Dinter/UFU/Unifap. silmalusa@yahoo.com.br

§ Professor Doutor do PPGED/ PPGCE/Faced da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. gsoliveria@ufu.com.br

‡ Doutorando do PPGED/FACED da Universidade Federal de Uberlândia. ia.pedrine@gmail.com

Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e o instrumento de pesquisa, o qual foi composto de dez frases por meio da Escala Likert. Como resultado, evidenciou-se a busca de professores cirurgiões-dentistas, em cursos de Odontologia, por conhecimentos pedagógicos.

Palavras-chave: Docência Universitária; Professor Cirurgião Dentista; Inter-relações

Abstract: This article discusses issues related to the university teaching of the dentist. Aims to meet, study and reflect on as it has the interrelationship existing courses in Dentistry teacher-student-patient. Emphasizes the need for, how a teacher responds to a situation in the classroom, should be based on their perception concerning the needs of your students thinking in a more effective way to be able to interact. More specifically, it is about being a good teacher, interrelationships and humanism in dentistry. The methodological approach of the research was followed initially by developing a website, where they posted the Term of Free and Informed Consent - Informed Consent and the survey instrument, which was composed ten phrases through the Likert Scale. As a result, evidence of the search for teachers dentists in Dentistry courses, by teaching skills.

Keywords: University teaching; Professor Dentist; Interrelations

Introdução

Com o avanço da tecnologia no século XXI, percebe-se um afrouxamento – até mesmo o esquecimento – das relações sociais. Na

área de saúde isso não é diferente. O paciente, apesar de ser o motivo maior da existência de qualquer melhoria na realização de técnicas, ainda não recebe a devida importância quando o levamos ao âmbito de formação de alunos. Nessa área, professores, alunos e pacientes fazem parte de um movimento onde o primeiro media a formação, o outro se forma e o terceiro é o motivo de todo o processo.

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é o de conhecer, estudar e refletir sobre como vem ocorrendo a inter-relação professor-aluno-paciente existente nos cursos de Odontologia. Essas inquietações, surgiram nas reflexões realizadas junto ao Grupo de Pesquisa "Desenvolvimento profissional e docência universitária – saberes e práticas educativas", certificado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sob número "1877760681965074", sob coordenação da Profa. Dra. Silvana Malusá.

O caminho metodológico da pesquisa seguiu-se, inicialmente, pela elaboração de um *site* (www.docencia-universitaria.com.br), onde foram postados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e o instrumento de pesquisa, o qual foi composto de dez frases, com as quais o voluntário foi convidado a expressar sua opinião por meio da Escala Likert de cinco pontos com as seguintes posições: 1 – nada importante; 2 – pouco importante; 3 – neutro; 4 – importante e 5

– muito importante. Como resultado, evidenciou-se a busca de professores cirurgiões-dentistas, em cursos de Odontologia, por conhecimentos pedagógicos.

Bons professores

Sabe-se que carreira docente prima por uma empolgação inicial, depois seguida por receios e angústias frequentes devido às incertezas em que vivem os professores despreparados pedagogicamente para a profissão que escolheram. Sem saber como se portar diante dessa profissão, o neófito copia, em seus primeiros passos, as estratégias de ensino e até maneirismos daquele professor que considerou, ao longo de sua jornada como aluno, um bom profissional.

A questão tem preocupado pesquisadores há algum tempo, por isso é interessante examinar algumas considerações que foram feitas sobre ela. Assim, é importante avaliar a perspectiva de Cortesão (2006) quando explica que, na escola tradicional, considera-se, habitualmente, o bom professor como aquele que domina conteúdos científicos vistos como imprescindíveis. E também Paula e Bezerra (2003. p. 13) ao alertarem que o estudante:

[...] ao espelhar-se no sucesso profissional do professor, cultiva a ideia de que o melhor professor é o que executa bem uma tarefa técnica. É grande a dificuldade de perceber que o professor ideal é aquele que lhe permite adquirir ferramentas indispensáveis a um futuro crescimento.

Ainda, na visão do aluno, o bom professor e o bom aluno são respectivamente, segundo Souza (2003, p. 20 e 21), “aquele que, acima de tudo, possui um ótimo conhecimento teórico e prático da sua matéria e sua maior qualidade seria a capacidade de transmitir os ditos conhecimentos e aquele que consegue captar bem os conhecimentos selecionados, escolhidos e transmitidos pelo professor”. Essa perspectiva estabelece um diálogo com Azevedo (2008):

A maior parte das vezes, o “bom professor”, valorizado pelos alunos e reconhecido pelos colegas, era aquele profissional especialista, com domínio do conteúdo da sua disciplina, transmitido superficialmente, sem comprometimento com aprendizagem dos seus alunos. (AZEVEDO, 2008, p.1, grifo do autor)

Essas explicações se complementam, mas as evidências deste estudo inferem que essa noção do *bom professor* necessita ser reformulada urgentemente pelos alunos e docentes para poderem conviver, sem choques, no mundo moderno. No que tange aos alunos,

nota-se e justifica-se uma grande dificuldade em desconstruir a imagem, hoje já tão bem cristalizada, do professor competente como sendo aquele que é bom tecnicamente. Para tal, consideram-se as argumentações de alguns pesquisadores. Para Castanho (2002), por exemplo, o bom professor é entendido como o educador atento à personalidade complexa do educando. Ao relacionar algumas características e competências do bom professor, Machado (2004 e 2009) diz que:

Quando o conhecimento é concebido como uma grande rede de significações, reconhece-se a necessidade de o professor ser capaz de aproveitar o conhecimento de que o aluno já dispõe para ampliar a rede de significados. Outra característica que se deve buscar em um professor competente é a sua capacidade para mediar relações, ou seja, para sensibilizar os alunos para o que se considera relevante, para a busca de um consenso. Ainda, deverá o professor mapear relevâncias, ou seja, ser capaz de distinguir aquilo que é relevante daquilo que não é.

Para que se consiga a competência evidenciada por Machado (2004 e 2009), quando afirma ser importante “sensibilizar o aluno para o que se considera relevante”, “aproveitar o conhecimento que o aluno já dispõe” e “mapear relevâncias”, entende-se que deve necessariamente existir uma relação próxima e horizontal entre professor e aluno, onde a empatia esteja presente. Sem essa forma de agir, humanamente sustentada e autoritariamente desvalorizada, tais

competências acanhadamente aparecerão ou nem assim estarão presentes.

Noro, Albuquerque e Ferreira (2006, p. 112), a partir dos participantes de uma pesquisa sobre o que era ser um bom professor, afirmam que metade dos entrevistados apontou a boa relação entre professor e aluno como fator primordial.

Inter-relacionamento

No processo educativo, para que se consiga êxito no ato da aprendizagem, é fundamental o sucesso no que tange ao ato de ensinar. A construção do conhecimento terá mais eficácia quanto maior for a integração de todos os envolvidos no processo. Como toda integração exige uma interação, o relacionamento será a base, o alicerce dessa construção. Quanto maior a empatia entre professor e aluno, maior a sensibilidade para se entenderem e interagirem, maior serão os passos dados rumo à elaboração de um conhecimento seguro, concreto e cristalizado. Somando-se, totalizam a si. Dividindo-se, subtraem de si a oportunidade de multiplicar o saber. Essa é a matemática do conhecimento.

Freire (1996, p. 136) nos diz que “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, com inconclusão em permanente movimento na História”. Para Vygotsky (1984, p.57),

“todas as mais altas funções se originam de relações reais entre indivíduos”. E, de acordo com Moraes (2002, p.210), vive-se a “era da sociedade da mente, muito além dos poderes das tecnologias da informação e da mente individual, pois tal concepção paradigmática engloba os poderes tecnológicos às relações intra, inter e transpessoais”.

Diante do fato de nossa permanente inconclusão, como nos diz Paulo Freire (1996), aprende-se com as diferenças entre as pessoas com as quais se relaciona. Nesse sentido, Levy (1998, p. 27) diz que:

Toda atividade, todo ato de comunicação, toda relação humana implica um aprendizado. Pelas competências e conhecimentos que envolve, em percurso de vida pode alimentar um círculo de troca, alimentar uma sociabilidade de saber. Postulemos explícita, aberta e publicamente o aprendizado recíproco como mediação das relações entre os homens.

Com o objetivo do mediar a construção de si e de seus conhecimentos,

[...] a educação deverá oferecer instrumentos e condições que ajudem o aluno a aprender a aprender, a aprender a pensar, a conviver e a amar. Uma educação que o ajude a formular hipóteses, construir caminhos e tomar decisões, tanto no plano individual quanto no plano coletivo. (MORAES, 2002, p. 211)

Numa relação de alunos e professores, de alunos entre si ou de professores entre si, a harmonia é fundamental para que se busquem os mesmos objetivos, uma vez que toda aprendizagem precisa ser embasada em um bom relacionamento interpessoal entre os elementos que participam do processo, ou seja, aluno, professor e colegas de turma (ABREU e MASETTO, 1990, p. 9-11).

A relação professor-aluno pode localizar-se em três posições. Muito íntimas, aonde às vezes chegam a extrapolar para contatos extraescolares; como amigos próximos, confidentes ou até casais; e muito distantes, onde mal se conhece o outro pelo nome, pouco ou nada se importando com o ser do aluno; ou ainda equilibradamente entre esses dois polos antes apresentados.

Mesmo na última posição citada, a qual, segundo Madeira (2008, p. 49), parece ser a mais desejável, dificuldades aparecem, empobrecendo a relação. Um dos grandes problemas, apresentado por Madeira (2008, p.49) e por Nuto *et al* (2006, p.93), é o autoritarismo docente.

Segundo Nuto *et al* (2006, p. 93), “este modelo autoritário de ensinar foi sendo construído e passado de geração a geração para os

futuros professores, sem que se fizesse uma reflexão sobre a práxis do processo de ensino-aprendizagem, nas escolas médicas”.

No relacionamento professor-aluno “predomina a autoridade do professor que exige receptividade dos alunos e impede qualquer comunicação entre eles durante a aula” (LAZZARIN; NAKAMA; CORDONI JÚNIOR, 2007, p. 4).

Com o objetivo de investigar aspectos éticos e humanos presentes no processo ensino-aprendizagem na formação de cirurgiões-dentistas, Nuto *et al* (2006, p. 89) analisaram as opiniões de 28 alunos e 33 pacientes atendidos nas clínicas de cursos de Odontologia. Identificaram “como os principais problemas o excesso de autoridade na relação professor-aluno-paciente e a separação corpo-mente-espírito presente no modelo biomédico em prática”.

Para que se consiga bem interpretar o que se explica, é necessário que se tenha adentrado ao mundo, ao contexto, às expressões corporais e sentimentos de quem fala. Quando se está próximo afetivamente de alguém, a empatia é possibilitada e, dessa forma, é viabilizado o processo antes descrito. Sendo assim, o fator afetividade deixa de ser algo piegas para tornar-se o charme maior do relacionamento professor-aluno. Nesse sentido, Madeira (2008, p. 50) nos diz que:

para ser bom professor não basta conhecer bem e ensinar com clareza. É também necessário cuidar do aspecto afetivo da educação, que inclui as relações afetivas. [...] Este último é, às vezes negligenciado pelo professor que está iniciando sua carreira. Por ser novo e inexperiente, para se afirmar como docente resolve demonstrar força e autoridade, colocando-se acima dos alunos e barrando ou dificultando o acesso a ele.

A visão do aluno de que um bom professor é aquele que bem executa os procedimentos – e que as instituições assim também valorizam – necessita ser revisada no sentido de agregar a esse docente, já eficiente tecnicamente, uma capacitação pedagógica sistematizada. Araújo (2004, p. 181) colabora dizendo que:

É necessário tratar, especificamente, da questão da mudança do conteúdo e da prática. Estas não são decorrência automática de qualquer mudança metodológica, mas demandam uma transformação na cultura pedagógica da instituição, com um processo de capacitação em educação para docentes que, historicamente, eram “bons mestres” por serem “bons técnicos”.

A relação professor-aluno, para ser exitosa na edificação do aluno como pessoa e ainda na construção de seus conhecimentos, deve antes ser de parceria. Não há espaço para rixas, intrigas e pessoalismos. Numa relação onde existe respeito e troca, sempre

haverá o crescimento de todos nela envolvidos. Tardif (2007, p.221) corrobora com esse pensamento ao afirmar que:

É sempre possível manter os alunos “presos” fisicamente numa sala de aula, mas é impossível levá-los a aprender sem obter, de uma maneira ou de outra, seu consentimento, sua colaboração voluntária. A fim de aprender, os alunos devem tornar-se, de uma maneira ou de outra, os atores de sua própria aprendizagem, pois ninguém pode aprender em lugar deles. Transformar os alunos em atores, isto é, em parceiros da interação pedagógica, parece-nos ser a tarefa em torno da qual se articulam e ganham sentido todos os saberes do professor.

Num artigo de Moraes *et al* (2001, p. 65), pesquisando sobre as principais barreiras encontradas no processo ensino-aprendizagem no curso de Odontologia da Universidade Federal Fluminense, encontraram que, na visão dos alunos, a linguagem inadequada, didática deficiente, falta de interesse na aprendizagem e ausência de diálogo por parte dos docentes são os fatores mais evidenciados.

Segundo a Lei de Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Odontologia – DCNCGO, de 06/11/2001 (BRASIL, 2001), o perfil do egresso deve ser de um:

Cirurgião-dentista, com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva para atuar em todos os níveis de atenção à saúde, com base no rigor técnico e

científico. Capacitado ao exercício de atividades referentes à saúde bucal da população, pautado em princípios éticos, legais e na compreensão da realidade social, cultural e econômica do seu meio, dirigindo sua atuação para a transformação da realidade em benefício da sociedade.

Nota-se que, ainda aí, não se lê referência alguma à formação ou noções pedagógicas para atuação profissional voltada à docência no perfil do egresso. Apesar de não serem exigidos, dos recém-formados, conhecimentos básicos necessários para a docência e diante da certeza de que os docentes, hoje em atividade, um dia serão substituídos – como acontecem com todos os docentes do ensino superior –, os cirurgiões-dentistas, professores dos cursos de Odontologia, devem enxergar sua realidade e buscar, na relação com seus alunos, dar o exemplo de como ser professor e, não apenas, demonstrar como é “estar” professor, utilizando a sala de aula como palco de *marketing* para seus consultórios.

Os alunos estabelecem com o docente uma relação de admiração e dependência, incentivada pelo professor, pois isto o favorece em sua atuação na profissão liberal [...] Deve-se buscar estabelecer uma nova relação entre professor aluno, em que o docente seja capaz de refletir sobre sua importância na aprendizagem dos alunos, procurando, assim, caminhos alternativos, que tornem o aluno o sujeito da aprendizagem e o professor o facilitador e o mediador do processo ensino-

aprendizagem. (LAZZARIN; NAKAMA; CORDONI JÚNIOR, 2007, p.4 e 7)

Na formação desejada para o cirurgião-dentista, apesar de não se dizer direta e claramente nada sobre uma possível formação pedagógica, a relação professor-aluno-paciente pode ser também inferida, quando se fala na Lei de Diretrizes Curriculares Nacionais – DCN dos Cursos de Graduação em Odontologia, de 06/11/2001 (BRASIL, 2001), que se espera graduar um profissional com características humanistas.

Nuto *et al* (2006, p. 90) diz que a busca por uma Odontologia de qualidade passa pela formação humanista. Busca-se uma “qualidade não apenas do ponto de vista formal da excelência do procedimento executado, mas tendo em vista o que o paciente considera como qualidade e, sobretudo, a partir da relação saudável, cordial e de respeito mútuo”.

O êxito na mediação desejada – buscando a construção do conhecimento e com o objetivo de que o aluno aprenda a aprender – é facilitado e otimizado quando se fala de um mesmo lugar, mesmo que o sujeito que fala e o que ouve estejam em andares diferentes. É necessário que exista uma horizontalidade na relação, mesmo que inevitáveis diferenças verticais coexistam como níveis de experiência,

de conhecimento já cristalizado, de funções e responsabilidades no desenvolvimento do processo.

Para colaborar com essa maneira humana de trabalhar o processo de construção do conhecimento e de si mesmo no aluno, existem várias formas de se abordar conteúdos e de desenvolver práticas que convirjam com as necessidades individuais e sociais do grupo em que está inserido.

O humanismo na Odontologia

Ao abordar o humanismo na Odontologia, esta análise esbarra numa questão que vem sendo estudada já há algum tempo: as faculdades oferecem atendimento a pacientes cujos tratamentos interessam à formação profissional dos acadêmicos, mas esses pacientes não são vistos como parte da sociedade para a qual o futuro profissional está se formando. Durante a formação, atende-se um determinado grupo de pacientes, depois de formado, o foco do atendimento é para outro grupo. Isso se dá devido às deficiências

ainda arraigadas ao modelo flexneriano, por carências no processo de formação docente sem a devida preparação para a profissão e por interesses mercadológicos. Desse modo, os pacientes atendidos nas Instituições de Ensino Superior – IES não têm acesso aos consultórios e clínicas dos alunos depois de formados.

Paixão, Campos e Lima (1981) discorrem que, muitas vezes, os pacientes atendidos nas IES são considerados objetos para o ensino, sendo relegado a um segundo plano o fato de serem representantes da comunidade em que se inserem. Ao ensino, interessam os aspectos técnico-científicos da Odontologia que, após serem ensinados na faculdade, estarão ao alcance de apenas uma pequena parcela da população.

Sem que o profissional desenvolva a empatia, ou seja, a capacidade de se colocar no lugar do outro, sentir e entender as necessidades desse outro, a socialização da saúde torna-se muito difícil.

Rogers (1986) nos traz que, para um professor transformar-se em facilitador, seria fundamental ser autêntico e verdadeiro; ter aceitação e confiança no aluno, em suas opiniões e sentimentos e, ainda, ter *a capacidade empática* com esse aluno sabendo se colocar no lugar desse outro. O olhar apenas voltado para dentro de si faz com que se perca a condição de enxergar o mundo como um todo,

onde todos, de forma integral, fazem parte de um mesmo universo. De acordo com Junqueira (2009, p. 104 e 106):

A atenção às pessoas, paciente e aluno, objetivo da Odontologia e do ensino superior em Odontologia, presume a necessidade de reconhecer o outro, de se relacionar com ele de forma a lhe oferecer aquilo que ele merece receber. Para isso, propõe-se que se parta, como fundamento ético, do reconhecimento das pessoas como seres únicos e constituídos de uma totalidade de aspectos – biológicos, sociais, psíquicos e espirituais –, enfim como pessoas dotadas de uma dignidade que torna cada uma merecedora de atenção. [...] O conceito de integralidade aproxima as pessoas que cuidam da dignidade daquele que é cuidado, uma vez que ressalta as diversas dimensões do cuidado. Sem que a integralidade seja observada, haverá a tendência de se buscarem respostas às necessidades biológicas, que restringem a compreensão da pessoa humana.

As DCNs estabelecem que as instituições de ensino de Odontologia devam incorporar, em seus projetos pedagógicos, a preocupação com a formação de um profissional que esteja bem capacitado para o exercício profissional não somente tecnicamente, mas também no âmbito humanístico (BRASIL, 2002).

Com uma carência pedagógica na formação dos professores da área de saúde, dificilmente será conseguida alguma modificação no processo ensino-aprendizagem, na reelaboração dos currículos e na interpretação deles, numa harmonização da relação professor-aluno-

paciente, culminando numa concreta e irreversível imersão das atividades de promoção de saúde nas ações sociais. O distanciamento de disciplinas da área social dos formandos e formadores da área de saúde permite que esses profissionais tecnifiquem a saúde, dissecando-a do indivíduo social. Essa dissociação da visão integral do ser humano, antes de ser orientada pelos professores no processo ensino-aprendizagem, necessita ser entendida, assimilada e praticada por esses docentes.

Para Rogers (1986), é fundamental que o aluno entenda a necessidade do seu aprendizado, dando significado a ele durante todo o processo de aprendizagem. No exemplo vivenciado pelo docente, esse significado irá aparecer, pois reluzirá na dimensão da observação realizada. De acordo com o autor, não se pode ensinar, mas apenas facilitar o aprendizado e exemplificar é uma ótima forma de fazer isso. Quando o professor humanizar o atendimento ao paciente, o aluno verá nessa abordagem mais próxima, um detalhe a ser somado ao ato operatório. Ter-se-á aí mais que a vontade de aprender a fazer, mas o desejo de fazer bem, por que se faz para alguém.

O professor, durante sua carreira universitária, dedica-se a um ramo técnico-científico em algum aspecto de sua área de conhecimento, mas caminha com prejuízo rumo a uma visão mais ampla, abrangente e integrada da sociedade (PIZZATTO *et al*, 2004).

A lente que possibilita uma percepção melhor do processo ensino-aprendizagem não é apresentada aos docentes cirurgiões-dentistas durante sua formação inicial. Nessa linha de raciocínio, Perri de Carvalho (2001) afirma que os professores de Odontologia comumente não receberam o mínimo de uma formação pedagógica e, como decorrência, apresentam dificuldades no exercício dessa atividade que requer uma abordagem múltipla e complexa do processo ensino-aprendizagem.

Uma aproximação das ciências humanas parece de fundamental importância para o (re)nascimento de uma nova docência nos cursos de Odontologia. Com esse pensamento, Pizzatto (2004, p.56) afirma que “faz-se necessário uma nova postura do docente de ensino superior, inserindo-o no campo das ciências humanas e sociais, que possam lhe oferecer os instrumentos para a compreensão de sua tarefa como educador”.

Talvez, por questões de cunho fisiológico e filosófico, as ciências da saúde primam-se por atividades onde se pede o maior distanciamento entre a pessoalidade do pesquisador e o objeto pesquisado. Uma neutralidade fria, quando se trata de estudos relacionados com seres humanos. Sobre essa tendência positivista, Miguel, Reibnitz Júnior e Prado (2007, p. 132) dizem que:

Historicamente o conhecimento produzido no campo da odontologia tem se fundamentado no paradigma positivista (ou quantitativo, ou explicativo). O paradigma positivista tem sido hegemônico na produção do conhecimento científico no último século e está fundado na capacidade de explicar a relação causa-efeito, estabelecendo leis universais gerais, capazes de explicar os fenômenos naturais e sociais.

Para que se consiga uma vinculação completa entre o que se ensina nas universidades, o que se pratica na vida profissional dos egressos e o que se espera de humanização na relação cirurgião-dentista-paciente, torna-se fundamental (re)pensar propostas de ensino para os cursos de Odontologia e na formação pedagógica de seus professores. Noro, Albuquerque e Ferreira (2006, p. 110) nos trazem que:

A proposta de ensino deverá possibilitar que o aluno adquira competências nas dimensões do saber (domínio teórico-conceitual das bases da medicina), do saber fazer (habilidades básicas para o exercício da prática profissional), do saber ser (desenvolvimento de atitudes necessárias para o relacionamento humano e ético da prática) e do saber conviver, com os avanços tecnológicos e com as mudanças do mundo do trabalho.

Nota-se que uma adequada ação de ensino deve se pautar em conhecimentos teóricos, habilidades específicas e de relacionamento. Dessa forma, tanto a capacidade de conduzir o ensino quanto a

possibilidade de pensar sobre ele, não se desenvolvem distanciadas do contexto em que acontecem.

A relação professor-aluno, sem dúvida, é um fator de ensino. Quando ambos se deparam com o paciente, surge então outra possibilidade de ampliar a ação de mediar. A partir da maneira como a docência é exemplificada por ações e discursos dos professores, o aluno é paulatinamente influenciado e moldado para o ser do profissional no futuro.

Nos labores diários, por mais antiantropocêntrica que seja a lente pela qual se tente ver o mundo, não há como cegar-se ao fato de que as atividades, em geral, acontecem pelo homem, para o homem e por meio de necessidades e ações desse homem.

Nuto *et al* (2006), em pesquisa realizada com alunos e pacientes de cursos de Odontologia no Nordeste, no período 2000 a 2001, teve como uma das ênfases um estudo voltado à formação humanística para atuação profissional. Notou-se que os alunos são avaliados pelos seus procedimentos instrumentais e que o contato com um paciente frente a uma situação de pouco domínio, a princípio, é motivo de medo. Essa preocupação sobre a avaliação realizada pelos professores inquieta quando se pensa que se deixa em segundo plano o paciente.

A avaliação do processo ensino-aprendizagem, centrada na produção de uma nota e não desenvolvida como processo em que o mais importante é o aprimoramento para a melhoria das habilidades na formação de um cirurgião-dentista em todas as suas dimensões, dificulta enxergar além de uma boca. (NUTO et al, 2006, p.92)

Em falas de alunos dessa pesquisa, nota-se essa tendência em distanciar-se do homem paciente, perdendo-o de vista no período de formação:

a – Eu lembro que logo no começo eu tinha a mania de dar bom dia ou boa tarde... Caminhava com o paciente, perguntava como é que ele estava. Mas você vai perdendo, às vezes eu chego lá não vejo nem onde ele está, não digo nem oi, nem bom dia, nem nada... Você vai ganhando experiência, você vai se acostumando com aquilo, o profissional via perdendo a sensibilidade. (Aluno da clínica integrada).

b – A dor ou ela existe ou ela é inventada. Se ela é inventada que a gente desconsidere. (Aluno da clínica integrada)

Ao invés de encontrar o ser, perde-se o que já se tinha dele. Até parece que conhecimento formativo e afetivo é imiscível. Sobre essa perspectiva de atuação docente, Freire (2007, p. 141) nos aponta que:

Na verdade, é preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais

frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetivos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade.

Moraes et al (2001) comenta que, entre os alunos, as principais dificuldades encontradas para otimizar o processo ensino-aprendizagem estão no relacionamento, onde citaram, como exemplo, os problemas de didática, vocabulário inapropriado e falta de diálogo. Diferente do que se pensa, os pacientes observam e escutam muito do que está acontecendo. Segue um depoimento que exemplifica tal afirmação:

C – Às vezes os alunos têm uma dúvida, não sabem o que fazer e o professor não está próximo e eles aguardam, ficam naquela dúvida discutindo um com o outro...Vão lá, pegam um TD (Tira Dúvidas) e dão uma lida e o professor vem e aí acabam de tirar a dúvida (Paciente, 23 anos).

Segundo Secco e Pereira (2004, p. 2):

Algumas experiências voltadas para a formação dos professores de odontologia, sobretudo em relação ao desempenho em sala de aula, têm sido realizadas e implementadas, entre elas cursos de atualização, sem, contudo, associar uma discussão mais profunda sobre as diferentes dimensões da prática, restringindo-se, basicamente, a treinamentos voltados para mudanças técnicas.

São importantes algumas reflexões, partindo do pressuposto que a humanização é fundamental para o novo perfil do cirurgião-dentista, onde professor tem papel relevante. Ver o ser humano não é o mesmo que simplesmente olhar para ele. Na área da saúde, para que a cortina que cobre o homem seja levantada, necessita-se, antes, que tal se faça na atitude do professor, pois a metodologia da humanização envolve mudanças de comportamentos, valores, cultura e conceitos. É imperioso que o professor veja o homem não como uma “máquina humana” e cobre esse comportamento dos graduandos sob sua responsabilidade.

Segundo Freire (2007, p.33), “transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador”. Para que o homem consiga aparecer diante do profissional será antes necessário construir esse homem, dar valor a ele, pois, considera-se apenas aquilo que antes se constrói e ao qual se atribui valor em nossa escala individual. Severino (2001, p.77) converge para essa informação quando afirma que “toda significação particular está articulada, como numa teia, às significações historicamente acumuladas na cultura, acervo coletivo de sentidos”. Desse modo, os

cirurgiões-dentistas, professores dos cursos de Odontologia, principalmente pelo fato de conhecerem apenas a metodologia que foi utilizada para formá-los, desconhecem um ensino onde algo mais que a técnica possa fazer parte integrante da formação acadêmica. Nessa linha de pensamento, Freire (2007, p. 142 e 143) diz que:

É preciso, por outro lado, reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescinda da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje.

Costa *et al* (2000) corrobora a informação quando afirma que esse modelo de ensino odontológico é também caracterizado por sua natureza individualista de atenção, pela dominância da especialização, pela seletividade da clientela e pela exclusão de práticas alternativas. Esse modelo de ensino, pautado na falta de observação do homem social e maior ênfase à técnica,

contrapõe-se às premissas propostas pelas diretrizes curriculares, nas quais os egressos dos cursos de graduação em odontologia devem possuir forte formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, para atuar em todos os níveis de atenção à saúde, pautado em princípios éticos, legais e na compreensão da realidade social, cultural e econômica do seu meio. (BRASIL, 2002)

Com o objetivo de dar uma nova visão à atuação docente, Pizzatto (2004) nos traz que

a adoção de uma nova postura por parte dos docentes – considerando o processo de ensino de uma maneira mais ampla e não a simples formação de profissionais técnicos, mas priorizando uma formação para a cidadania, revalorizando os conceitos ético-morais e redefinindo a formação para a docência e pesquisa sem que o exercício de uma ocorra em detrimento de outra – terá como consequência a revalorização da sua própria condição de docentes.

Na mesma linha de raciocínio, percebe-se que essa não é a realidade encontrada na maioria dos cursos de Odontologia. Ao contrário, o que se vê é uma formação extremamente biologista e tecnicista, centrada no elemento dental, deixando de lado a concepção holística de saúde (PIZZATTO, 2004). Está claro que a atenção agora se volta para uma atitude que mude essa situação: para o graduando alcançar maturidade de maneira que ele consiga avançar em sua autoconstrução a partir do momento em que vive, faz-se imprescindível a presença de técnicas e estratégias que, somadas a um saber relacional, propiciem o êxito almejado, ou seja, a humanização do atendimento.

Caminhos metodológicos

Para realização desta pesquisa, antes aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Uberlândia – CEP-UFU, inicialmente elaborou-se o *site* www.docencia-universitaria.com.br onde o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e o instrumento de pesquisa estavam dispostos. Tal instrumento apenas seria disponibilizado caso o TCLE fosse aceito. Em situação de não aceitação em participar, voltar-se-ia para a página inicial do *site*.

O instrumento de pesquisa foi composto de dez frases com as quais o voluntário foi convidado a expressar sua opinião por meio da Escala Likert de cinco pontos com as seguintes posições: 1 – nada importante; 2 – pouco importante; 3 – neutro; 4 – importante e 5 – muito importante.

As frases valoradas foram as seguintes: 1 – Ver os indivíduos como seres inconclusos (incompletos/inacabados) em sua formação pessoal e profissional; 2 – Abrir-se ao mundo e aos outros para gerar inquietações e curiosidades; 3 – Ter o aprendizado recíproco (professor e aluno) como mediador das relações; 4 – Bom relacionamento como base para a aprendizagem; 5 – A autoridade do

docente como ato para se firmar como professor e disciplinar os alunos; 6 – O bom professor é o que sabe como executar bem os procedimentos técnicos; 7 – Transformar os alunos em parceiros no processo ensino-aprendizagem; 8 – Ver os alunos como sujeitos da aprendizagem e os professores como mediadores do processo; 9 – O aluno admirar o professor enquanto profissional liberal; e 10 – Horizontalizar a relação professor-aluno-paciente.

Como potenciais sujeitos da pesquisa, a todos os docentes cirurgiões-dentistas, professores de cursos de Odontologia das IFES, foi enviada carta convite, destinada diretamente ao docente ou à sua coordenação de curso, de acordo com a solicitação dos coordenadores previamente contatados. No documento, constava o *link* para acesso e explicações sobre a participação da pesquisa como voluntário.

Resultados e discussão

De modo geral, tende-se a concordar que o fator relacional é pouco discutido e valorizado no processo ensino-aprendizagem. As justificativas começam pelo fato de o profissional iniciar a carreira docente sem o devido conhecimento pedagógico de como se dá o processo de aprendizagem e passa pela importância que tem o

relacionamento e a necessidade do bem-estar recíproco para viabilizar uma adequada mediação entre aluno e informações.

Seguem as frases deste item com as valorações possíveis que foram disponibilizadas e o número absoluto e em percentual dos docentes que atribuíram cada valoração.

A frase 1, “Ver os indivíduos como seres inconclusos (incompletos/inacabados) em sua formação pessoal e profissional”, trouxe como resultados: 11 (8,9%) dos sujeitos voluntários apontaram como nada importante, 8 (6,5%) como pouco importante, 22 (17,7%) posicionaram-se de forma neutra, 52 (41,9%) afirmaram ser importante e 31 (25%) muito importante.

Na segunda frase, “Abrir-se ao mundo e aos outros para gerar inquietações e curiosidades”, nenhum docente afirmou ser nada ou pouco importante, oito (6,5%) marcaram a opção neutro, 46 (37,1%) valoraram em importante e 70 (56,4%) em muito importante.

Já na frase 3, “Ter o aprendizado recíproco (professor e aluno) como mediador das relações”, de forma semelhante ao que foi atribuído à frase anterior, nenhum professor voluntário valorou em nada ou pouco importante. Em posição de neutralidade se colocaram três (2,4%) professores, como importante 39 (31,5%) valoraram e 82 (66,1%) como muito importante.

Na frase 4, “Bom relacionamento como base para a aprendizagem”, nenhum docente afirmou ser nada importante e apenas um (0,8%) como pouco importante. Em posição neutra ficaram 6 (4,8%) docentes. Afirmaram ser importante 56 (45,2%) e muito importante 61 (49,2%) voluntários.

Para a frase 5, “A autoridade do docente como ato para se firmar como professor e disciplinar os alunos”, as valorações atribuídas foram em nada importante com 13 (10,5%) sujeitos voluntários, 35 (28,2%) em pouco importante, 31 (25%) em posição de neutralidade, 39 (31,5%) afirmaram ser importante e 6 (4,8%) muito importante.

Como resultado para coleta de dados da frase 6, “O bom professor é o que sabe como executar bem os procedimentos técnicos”, 8 (6,5%) respondentes afirmaram ser nada importante, 29 (23,3%) ser pouco importante, 42 (33,9%) em posição neutra, 37 (29,8%) importante e 8 (6,5%) muito importante.

“Transformar os alunos em parceiros no processo ensino-aprendizagem” foi a sétima frase a ser analisada. Três (2,4%) ficaram em posição neutra, importante foi a opção de 41 (33,1%) professores e muito importante a de 80 (64,5%) docentes.

Para a frase 8, “Ver os alunos como sujeitos da aprendizagem e os professores como mediadores do processo”, nenhum sujeito

voluntário afirmou ser nada importante, um (0,8%) marcou a opção pouco importante, 9 (7,3%) a opção neutro, 33 (26,6%) afirmaram ser importante e 81 (65,3%) muito importante.

Na penúltima frase, “O aluno admirar o professor enquanto profissional liberal”, 17 (13,7%) afirmaram ser nada importante, 24 (19,4%) pouco importante, 46 (37%) ficaram neutros, 28 (22,6%) optaram pela alternativa importante e 9 (7,3%) pela valoração de muito importante.

Como última frase, “Horizontalizar a relação professor-aluno-paciente”, 2 (1,6%) docentes afirmaram ser nada importante, 10 (8,0%) pouco importante, 29 (23,4%) ficaram neutros, 44 (35,5%) posicionaram-se como importante e 39 (31,5%) como muito importante.

Tais resultados estão apresentados em conjunto no Gráfico 1.

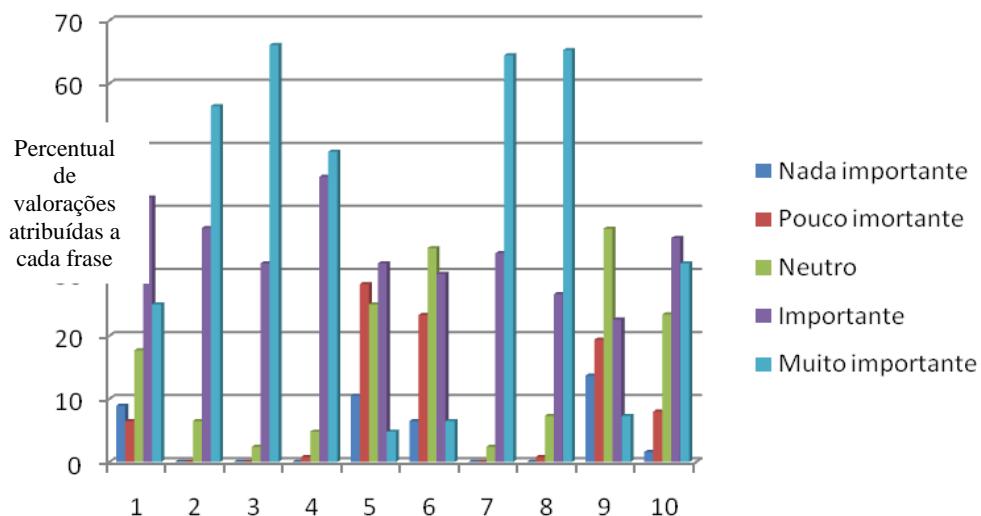


Gráfico 1 – Valorações atribuídas a cada frase analisada da categoria Interrelacionamentos.

Fonte: Dados da pesquisa.

A valoração da primeira frase, “Ver os indivíduos como seres inconclusos (incompletos / inacabados) em sua formação pessoal e profissional”, que traz como 66,9% das respostas ser importante ou muito importante ver o aluno com um ser inacabado em sua formação pessoal e profissional, torna-se se suma relevância ao se considerar a docência como possibilidade de colaborar na formação global do acadêmico.

A frase 2, “Abrir-se ao mundo e aos outros para gerar inquietações e curiosidades”, apresenta que 93,5% dos docentes veem como importante ou muito importante estarem abertos para curiosidades e inquietações, o que demonstra uma abertura para aprendizado e crescimento. Ao se trabalhar com docentes cirurgiões-dentistas que frequentemente adentram a carreira do magistério sem a necessária formação pedagógica, esta condição de aceitar uma nova visão do mundo, seja ele o mais restrito ou alargado que se considere, é uma grande vantagem para o professor e para a educação na Odontologia.

No que tange à frase três, “Ter o aprendizado recíproco (professor e aluno) como mediador das relações”, o grau de importância recebido converge com o que se aponta na frase 1, “Ver os indivíduos como seres inconclusos (incompletos/inacabados) em sua formação pessoal e profissional”. Na terceira frase, 97,5% das respostas valoram em importante ou muito importante ter o aprendizado recíproco (professor/aluno) como mediador das relações. Na primeira, 66,9% veem os indivíduos como seres inacabados. Com essa maneira de enxergar (frase 1) e estando aberto para novas inquietações (frase 2), certamente a inter-relação mediará e conduzirá a um processo cujo resultado é o crescimento mútuo (frase 3). Essa forma de agir e interagir faz com que a relação entre professor e aluno

seja uma busca harmônica e almejada por todos, onde a empatia constitui a marca maior dessa interação.

Tal opinião ainda é referendada pelo exposto nas valorações apresentadas para a frase 4, “Bom relacionamento como base para a aprendizagem”. Nela, 94,4% das respostas afirmam ser importante ou muito importante o bom relacionamento como base para a aprendizagem. Nota-se que existe uma lógica e convergência com o grau de importância atribuído às frases 1, 2 e 3.

Referendando esse quadro, Abreu e Masetto (1990) trazem que toda aprendizagem precisa ser embasada em um bom relacionamento interpessoal entre os elementos que participam do processo, ou seja, aluno, professor e colegas de turma.

Ainda somando aos últimos autores, Levy (1998) diz que toda atividade, todo ato de comunicação, toda relação humana implica um aprendizado.

Um grande problema da relação professor-aluno aparece quando o autoritarismo surge (NUTO et al, 2006; MADEIRA, 2008).

Em frontal divergência ao apresentado até aqui como resultados para a pesquisa, a frase 5, “A autoridade do docente como ato para se firmar como professor e disciplinar os alunos”, mostra que 36,3% consideram importante ou muito importante a autoridade docente para se firmar como professor, enquanto 38,7% acham pouco

ou nada importante, sendo que 25% se colocaram de forma neutra. Observa-se que percentuais bem próximos estão nas extremidades das valorações, alguns considerando a autoridade como necessária.

Os participantes da pesquisa mostraram acreditar na relevância do bom relacionamento para um aprendizado recíproco e constante. Por meio das respostas atribuídas à questão 5, o autoritarismo docente – onde “predomina a autoridade do professor que exige receptividade dos alunos e impede qualquer comunicação entre eles durante a aula” (LAZZARIN; NAKAMA; CORDONI JÚNIOR, 2007, p. 4) – distancia-se diametralmente do lido para as frases 1, 2, 3 e 4 e, ainda do exposto para a frase 8, “Considerar o ato de ensinar como a oportunidade de criar as possibilidades para a construção do conhecimento”. Nessa última frase citada mostra-se, em 98,4% importante ou muito importante, o ato de ensinar como uma possibilidade para a construção do conhecimento. Para a implementação desse processo de construção do conhecimento, é de fundamental importância a empatia, onde a confiança e o bom convívio agem como pilares principais para a mediação dessa elaboração. Com autoritarismo, cria-se um ambiente inadequado e inviável que impossibilita o sucesso desse processo.

Ao analisar o grau de importância atribuído à frase 6, “O bom professor é o que sabe como executar bem os procedimentos

técnicos”, nota-se que 33,9% dos professores que responderam à pesquisa posicionaram-se de forma neutra. Observa-se ainda que 36,3% veem como importante ou muito importante a habilidade procedural como característica de um bom professor de odontologia e 29,8% acham pouco ou nada importante essa relação entre habilidade procedural e ser um bom docente.

Percebe-se que – em pequena vantagem numérica absoluta – aqueles que atribuem maior valoração para a importância da relação docência satisfatória e habilidades técnicas seguem o que Araújo (2004) aborda quando diz que, historicamente, bons mestres eram os bons técnicos.

Num outro ângulo desse prisma, a maioria dos respondentes colocara-se em posição de neutralidade, o que permite inferir que existe uma dúvida se essa relação é necessária ou simplesmente se existe. Quando se encontra 29,8% afirmado ter pouca ou nenhuma importância, coloca-se a possibilidade de estarem aqui valorizando o relacional como já referendado em frases anteriores (1, 2, 3 e 4). Essa visão converge com o que Noro, Albuquerque e Ferreira (2006) e Madeira (2008) nos dizem quando afirmam que, como característica que os alunos participantes de pesquisas por eles realizadas relataram ser de um bom professor, 50% apontam o fator relacional.

Uma relação pautada no respeito e empatia evoluirá no sentido do exposto pela frase 7, “Transformar os alunos em parceiros no processo ensino-aprendizagem”, a qual coloca professores e alunos como parceiros. Essa frase tem direta relação com a frase 3. Chama a atenção quando se compara as valorações apresentadas para as frases acima citadas. Em ambas, 97,6% dos respondentes disseram ser importante ou muito importante a informação trazida pela oração apresentada. Essas opiniões seguem o raciocínio de Freire (1996) quando diz que não existe docência sem discência, e que, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. Com isso, professor e aluno aprendem juntos, cada um agregando e se construindo naquele quesito que, no momento, lhe é mais necessário. O processo ensino-aprendizagem é uma estrada de mão dupla, onde dependendo da lente com que se olha, quem ensina num momento aprende no outro. Ensinam-se conteúdos e aprendem-se comportamentos, ensinam-se valores e aprende-se companheirismo, ensina-se amizade e aprende-se humanismo.

Por ser portador de uma experiência maior e já ter caminhado pela estrada que hoje os alunos trilham, os professores, nessa troca de aprendizados, têm mais a oferecer no que tange ao ensino profissional da Odontologia. Nesse sentido, ser o mediador do processo é conduzir o aluno apontando-lhe dados que o permita somar aos que já possuem

e cada um construir individualmente seus conhecimentos. Isso é o reflexo que se encontrou nas valorações atribuídas à frase 8, “Ver os alunos como sujeitos da aprendizagem e os professores como mediadores do processo”. Nela, 91,9% afirmam ser importante ou muito importante ver o aluno como foco da aprendizagem e o professor como o mediador desse processo. Lazzarin, Nakama e Cordoni Júnior (2007) afirmam ser esta uma necessidade da docência neste momento, ver a formação do aluno como objetivo maior do ato da profissão professor.

Numa prática docente na qual o professor é o centro do processo, onde 79,8% possuem especialização, como se encontrou nesta pesquisa, considerando que as especializações buscam o aprimoramento de habilidade técnicas e que a boa execução de atos operatórios é importante para ser considerado um bom cirurgião-dentista de acordo com a frase 6 (54,0%), reconhecer o professor como um bom cirurgião-dentista seria de grande relevância. Não foi o que se encontrou na frase 9, “O aluno admirar o professor enquanto profissional liberal”. Ao atribuir grau de importância a essa frase, apenas 29,9% acharam importante ou muito importante a admiração do aluno pelo professor enquanto cirurgião-dentista, sendo que 37,0% se colocaram em posição de neutralidade e 33,1% dizem ser pouco ou nada importante. Esse achado diverge do que apresenta Lazzarin,

Nakama e Cordoni Júnior (2007, p. 4) quando dizem que “os alunos estabelecem com o docente uma relação de admiração e dependência, incentivada pelo professor, pois isto o favorece em sua atuação na profissão liberal”. Há um importante apontamento a ser feito aqui. Nesta pesquisa, dos docentes que responderam ao instrumento, apenas 20,9% disseram atuar em consultório particular. Ao analisar esse dado, vê-se que 70,1% não possuindo como outra profissão diferente da docência a atividade particular em consultório, pouco relevante seria utilizar a sala de aula como palco e *marketing* para a profissão liberal de cirurgião-dentista, o que explicaria a divergência acima encontrada.

A última frase traz a informação de horizontalizar a relação professor-aluno, o que 67% afirmaram ser importante ou muito importante. Tal dado converge com o observado nas frases 3, 4,7 e 8. Devido à dificuldade em aliar o respeito à atividade docente, em muitas situações usa-se da hierarquização para manter-se certa disciplina e obediência. Ato desnecessário. Maior respeito se tem pelo que o professor é do que pelo que ele quer mostrar e que de fato não o é. Segundo Freire (2007), a prática educativa, vivida com afetividade e alegria, não exclui uma formação científica séria. A prática educativa, ainda de acordo com esse autor, é afetividade, alegria, capacidade científica e domínio técnico.

Com o objetivo de formar um profissional para as necessidades da sociedade de acordo as Diretrizes Nacionais dos Cursos de Odontologia – DNCGO, corrigindo os equívocos de uma odontologia flexneriana, a docência vista de uma forma ampla onde alunos, professores, instituições e sociedade fazem parte de um todo retroalimentado e interdependente, conduzirá a atos docentes mais próximos de uma profissão professor, sistematizando pedagogicamente a docência na odontologia.

Considerações finais

Por meio de análise desta pesquisa, percebeu-se que a relação professor-aluno-paciente demonstrou ser motivo de inquietação. Como conciliar ensino com afetividade sem perder a autoridade ainda é uma incógnita. Pelas respostas, constata-se que já aparece a ciência de que a aproximação aos alunos, o conhecimento maior de suas limitações individuais, um vínculo de confiança criado na relação entre ambos, favorece a empatia e que, a partir desse ponto, mediar o crescimento desses alunos torna-se mais eficiente. Qual o processo para que se chegue a esse modo de trabalhar a profissão docente é que ainda não está claro para os participantes da pesquisa.

No que tange à visão do atendimento ao paciente, crê-se que o bom cirurgião-dentista é o que domina bem as técnicas. No entanto,

não restringindo apenas a essa preparação procedural, existe uma preocupação em horizontalizar as relações professor-aluno-paciente. Com isso, percebe-se que a humanização da técnica é uma preocupação de alguns cirurgiões-dentistas enquanto professores. Assim, está-se dando ao paciente um valor humano não menor que a qualificação para uma boa execução técnica. Conscientes de que as técnicas são feitas para melhorar a vida dos indivíduos, eles não podem desaparecer por causa delas.

A preocupação em buscar uma maior preparação para a docência na prática do cirurgião-dentista, como professor dos cursos de graduação em Odontologia, já aparece em algumas repostas. Implantá-las no todo da docência em Odontologia é uma construção a ser desenvolvida.

Sabe-se que os alunos são diferentes em suas carências e necessidades, mas não se sabe como trabalhar com suas diferenças. Não se tem teorizado os conceitos das possíveis diferenças e suas abordagens. Como não se consegue denominar o que não se conhece, também não se define ou conceituam-se tais situações. Quando não se sabe o que se procura não se reconhece quando encontra.

A aproximação das áreas do conhecimento voltadas para sociologia e ensino, de áreas da saúde certamente contribuiria para equacionar problemas pedagógicos vigentes e instigar inquietações

que timidamente já aparecem. Como esta pesquisa foi realizada em âmbito nacional, percebe-se que tais angústias não correspondem a situações isoladas, mas disseminadas por todo Brasil. Não atingiram todos os docentes participantes, mas surgem como discreta chama com potencial para iluminar e alertar os pares.

Talvez, em longo prazo, disciplinas da área de Educação sendo ofertadas de forma a fazer parte das atividades obrigatórias, nos meses de período probatório para concursados para a carreira de docente, favoreceriam a aproximação entre esta e as várias outras áreas do conhecimento.

Para que professores cirurgiões-dentistas adentrem o mundo de uma docência sistematizada, conceitos e valores da área de Educação devem compor o mínimo necessário para um mergulho inicial neste novo mundo.

Referências

ABREU, M. C.; MASETTO M. T. **O professor em aula.** 8 ed. MG editores. São Paulo – SP, 1990.

ARAÚJO, M. E. **Educação superior em odontologia na perspectiva das políticas públicas de saúde.** 2004. 238 p. Tese (Livre-Docência em Saúde Coletiva em Odontologia) – Faculdade de Odontologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

AZEVEDO, A. M. O. A formação docente em odontologia: um processo curricular em construção. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo – SP, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Leis das diretrizes e bases da educação.** Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Farmácia e Odontologia.** Parecer CNE/CES nº 1.300/01, aprovado em 6 de novembro de 2001.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CES 3/2002. Institui diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em odontologia. **Diário Oficial da União**, Brasília, 04 mar. 2002. Seção 1, p. 10.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Farmácia e Odontologia.** Brasília: Conselho Nacional de Educação; 2002.

CORTESÃO, L. Ser professor: um ofício em risco de extinção? – reflexões sobre práticas educativas face à diversidade, no limiar do século XXI. São Paulo. Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JUNQUEIRA, C. R. A atenção à pessoa humana – paciente e aluno – no âmbito da formação em odontologia: o papel do docente, da reestruturação curricular e da bioética. Tese (Doutorado) – Faculdade de Odontologia de São Paulo. São Paulo – SP, 2009.

JUNQUEIRA, C. R.; PUPLAKSIS, N. V., RAMOS D. L. P. O ensino da Bioética. In: RAMOS, D. L. P. (Org.). **Bioética: pessoa e vida.** São Caetano do Sul: Difusão; 2009. cap. 5, p. 87-95.

LAZZARIN, H. C.; NAKAMA, L.; CORDONI JÚNIOR, L. O papel do professor na percepção dos alunos de odontologia. – **Sociedade e Saúde**, v.16, n1, São Paulo – SP, jan./abr., 2007.

LEVY, P. **A inteligência coletiva.** Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1998.

MACHADO, N. J. **Conhecimento e valor.** São Paulo: Moderna; 2004.

_____, N. J. **Educação: competência e qualidade.** São Paulo: Escrituras, 2009.

MADEIRA, M. C. **Sou professor universitário; e agora?** São Paulo: Sarvier, 2008.

MORAES, M. C. Uma educação para a era das relações. In: MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente.** 8 ed. Campinas, SP: Papirus, 2002.

NORO, L. R. A.; ALBUQUERQUE, D. F.; FERREIRA, M. E. M. O desenvolvimento do processo ensino aprendizagem: visão do aluno e do professor. A educação moderna deve promover a construção do conhecimento pelo aluno, a partir de um professor que entenda seu papel de agente da transformação social. In: **Revista da Associação de Ensino Odontológico (ABENO).** V 6, n2, São Paulo, 2006.

NUTO, S. A. S.; NORO, L. R. A.; CAVALSINA, P. G.; COSTA, Í. C. C. C.; OLIVEIRA, A. G. R. C. O processo ensino aprendizagem e suas consequências na relação professor-aluno-paciente. **Ciência e Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, 11 (1): 89-96, 2006.

PAIXÃO H.H., CAMPOS H., LIMA W.A. **O paciente como objeto de ensino**. Arquivo do Centro de Estudos da Universidade Federal de Minas Gerais 1981; 18(12):37-40.

PAULA, L. M.; BEZERRA, A. C. B. A estrutura curricular dos cursos de Odontologia no Brasil. **Revista da Associação Brasileira de Ensino Odontológico**. v. 1 n. 3, p.7-14. jan./dez.2003.

PIZZATTO, E.; GARBIN, C. A. S; GARBIN, A. J. I.; SALIBA, N. A. O papel do professor no ensino odontológico, In: **Revista Saúde em Debate**. Revista do centro brasileiro de estudos de saúde. Rio de Janeiro, v 28, n 66, p. 52 – 57. 2004.

ROGERS, C.. **Liberdade de aprender em nossa década**, 2^a. Edição, Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.

SOUSA, O. C. Aprender e ensinar: significados e mediações. In: TEODORO, A.; VASCONCELOS, M. L. (Org.). **Ensinar e aprender no ensino superior: por uma epistemologia da curiosidade na formação universitária**. São Paulo: Editora Mackenzie; Cortez, 2003.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 8ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.